

Seu furor suscita o entusiasmo belicoso mais irresistível entre os negros. "O que é branco tem de morrer!" Eis o princípio que aplica com uma severidade implacável, comprazendo-se em cercar a matança de suas vítimas duma etiqueta horripilante de sanguinária zombaria.

Contudo, reduzida a suas próprias forças, esta revolta, como tantas outras sublevações de escravos antes e depois, teria acabado, cedo ou tarde, destroçada pela estratégia superior dos brancos, se a luta pelos direitos do homem não tivesse encontrado em Paris mesmo um apóio poderoso.

Verdade é que a mesma Assembléia Nacional que, no primeiro impulso do entusiasmo revolucionário, votara a "Declaração dos direitos do homem" preferira, depois de alguma reflexão, excluir expressamente as colônias da zona de aplicação de seus decretos igualitários. Quando, porém, a esta primeira assembléia legislativa sucedeu a Convenção, muito mais radical, o veredictum decisivo caiu dos lábios de Robespierre: "Antes perder as colônias do que sacrificar nossos princípios!"

A tôdas as objurgatórias das deputações mandadas pelos fazendeiros, Robespierre tem apenas uma resposta: "Há somente homens. Todos os homens são iguais. Todos os cidadãos da França, quer sejam brancos, pretos ou amarelos, desfrutam de nossa estima e respeito e temos o dever de auxiliá-los a conseguir seus direitos!"

Esforçando-se assim por derrubar essas barreiras colocadas pela própria natureza entre senhores brancos e escravos pretos, e que pareciam intransponíveis, a Revolução Francesa faz prova, na aplicação de seus princípios, duma lógica sem precedentes na História.

A despeito de tôdas as desigualdades de condição e de fortuna que podiam existir entre os componentes duma mesma raça, nunca desaparecia completamente certo sentimento de solidariedade. Pelo contrário, um mero golpe de vista chamava a cada instante a atenção sobre a eterna diferença substancial entre um branco e um negro.

Aristóteles escrevera uma vez: "Suponhamos que a diferença corporal entre senhores e escravos fôsse igual à que existe entre as estátuas divinas e a figura humana; neste caso, cada um deveria reconhecer que êsses homens tão inferiores não mereceriam senão ser os escravos dos melhores."

Com os negros, dava-se êste caso duma forma inteiramente diversa quanto ao físico. Aquí, conquanto a natureza tivesse imprimido no corpo e na alma duma parte dos homens os mesmos desejos, as mesmas necessidades e os mesmos sofrimentos que na outra parte, tinha, não obstante, pintado a primeira dos pés à cabeça, duma côr negra indelével, tinha-lhe encarapinhado o cabelo e engrossado os beiços, para que

a diferença entre os escravos e os senhores se mantivesse visível e atual por tôda a eternidade.

Essa desigualdade é tão notória, que nem sequer a recente democracia americana que, aliás, fornecera tantos modelos para as instituições francesas e proclamara em primeiro lugar, na sua constituição, a igualdade natural de todos os homens, se mostrou disposta a estender aos negros essa igualdade. Sem dúvida, americanos da tempera dum Washington, dum Jefferson, dum Franklin declararam-se a favor da abolição da escravatura e mostraram que somente merecia a liberdade um povo que por sua vez não exercesse tirania alguma contra uma raça inferior. Mas, a-pesar-disso, os escravos negros continuaram privados de qualquer direito.

Pelo contrário, Paris revolucionaria não só proclamou então a igualdade dos negros, como também caiu, a respeito, num verdadeiro êxtase. Esse crescente entusiasmo para com os negros transformou-se literalmente em vertigem, ao chegar, um dia, na capital da França, um grupo de "cidadãos pretos de São Domingos". Até êsse momento, tôda a exaltação havia tido meramente por objeto o figurante pintado de fuligem da coleção de povos e raças do barão Cloutz. Agora, os parisienses viam enfim negros em carne e osso, dumã côr preta não lavável e com legítimas carapinhas. Isso deu lugar, na Convenção, a uma festa que fez chorar de emoção e de alegria tôda a humanidade emancipada.

No dia 3 de fevereiro de 1794, um delegado da raça negra comparece ante a comissão legislativa. A grande sala estava apinhada de deputados e de espectadores. Quando o presidente da Convenção imprime o beijo fraternal nas faces do negro, eis que todos os deputados se levantam e trepam nos assentos para assistir a esta cena comovente e, ao mesmo tempo, exemplo edificante. Filas inteiras se precipitam sobre o negro para abraçá-lo.

Eis que Robespierre salta na tribuna. "Presidente", brada êle, "na tribuna dos espectadores, uma velha negra está sentada na primeira fila. Acaba de desmaiar de alegria! Presidente, requiero que dê ordem ao secretário de consignar êste fato no protocolo para que seja assim perpetuado."

O pedido é deferido, e, em seguida o presidente proclama em meio de manifestações gerais de júbilo: "Pela presente, em nome da Revolução Franceza, declaro abolida a escravatura em todos os territórios da França, em tôdas as suas colônias e para tôda a eternidade!"

O que os quiliastas de sempre sonharam, aquilo por que os rebeldes se bateram e mártires se sacrificaram — um mundo de direitos iguais para todos — assim se havia tornado agora realidade. Já não